

Negócios

estadao.com.br

Celulose. Fábrica da Eldorado já opera a 70% da capacidade economia.estadao.com.br

Petróleo. Papéis da empresa tiveram ontem mais um dia de queda expressiva, de 9,2%, fechando cotados a R\$ 2,37; enquanto vários bancos rebaixam as projeções para a companhia, o BTG, que fechou um acordo com a EBX, divulga preço-alvo de R\$ 17 para a ação

Em um ano, ações da petroleira OGX, de Eike Batista, já caíram 86%

Antonio Pita | RIO
Cynthia Decloedt
Daniela Milanesi | SÃO PAULO

A petroleira OGX, empresa âncora do grupo de Eike Batista, amargou ontem mais um dia de intenso pessimismo por parte dos investidores do mercado financeiro. Com queda de 9,20% no pregão da BM&F Bovespa, as ações da empresa já acumulam, em doze meses, perda de mais de 86% em sua cotação.

A empresa, que abriu capital em 2008, já teve as ações cotadas a R\$ 23 em 2010, no auge das expectativas positivas do mercado, com os sucessivos anúncios de descobertas de petróleo em blocos exploratórios. Ontem, os papéis da petroleira romperam por duas vezes as mínimas históricas, fechando o pregão em R\$ 2,37, um novo recorde de baixa.

Em meio à onda de rebaixamentos promovida por bancos nacionais e estrangeiros, o BTG Pactual, de André Esteves, foi a única instituição a divulgar recomendação de compra e preço-alvo de R\$ 17,00 para as ações da OGX, segundo fontes do mercado

consultadas pelo Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado. O BTG não comentou o assunto.

Na semana passada, o empresário Eike Batista e o banqueiro André Esteves anunciaram parceria que envolve aconselhamento financeiro e abertura de linhas de crédito para os projetos do grupo EBX. Entre segunda-feira e ontem, pelo menos seis instituições cortaram as avaliações da empresa de petróleo: Credit Suisse, Citi Research,



BRENDA HICKER/REUTERS

Promessa. Eike lançou a OGX para ser a maior petroleira privada do País, mas resultado fraco provocou crise de credibilidade

● Desvalorização
86%
é a queda acumulada em um ano pelas ações da OGX

R\$ 2,37

é quanto fechou a ação ontem, recorde de baixa; papel da OGX chegou a valer R\$ 23 em 2010

UBS, Bank of America Merrill Lynch, JPMorgan e Itaú BBA.

Os analistas Caio M. Carvalho e Felipe dos Santos, do JP Morgan, divulgaram relatório em que resumiam suas expectativas em relação à empresa. "Acreditamos que a produção desopionadora (de fevereiro) eleva as incertezas sobre a viabilidade comercial da maior parte das descobertas de óleo na Bacia de Campos."

Esta semana, 11 das 21 áreas arrematadas por Eike Batista no leilão que marcou a estreia de sua companhia no mercado de exploração de petróleo, em 2007, tiveram expirado o prazo para que fosse informada à Agência Nacional do Petróleo (ANP) o início do processo de produção comercial. A empresa não decretou a comercialidade dos blocos, mas essa é um ocorrência relativamente usual no setor.

A ANP já concedeu extensão de prazo para seis dessas áreas, mas por um período curto, que vai de agosto a novembro deste ano. As outras permanecem sob análise no órgão regulador.

Demora. Alguns analistas acreditam que a desvalorização do papel da OGX não para com a queda de ontem e ainda pode demorar para a empresa encontrar uma curva positiva no mercado.

Nas projeções de bancos de investimento, o preço futuro para as ações varia entre R\$ 1 e R\$ 2,90.

Criada em 2007 para ser "a maior companhia privada exploradora de petróleo do País", a OGX estreou no mercado após arrematar os 21 blocos de petróleo em um leilão da ANP ao custo de R\$ 1,56 bilhão. "Foi barato", disse o executivo Eike Batista, na expectativa dos retornos promovidos pela produção.

Num primeiro momento, com a maior venda inicial de ações da história da Bovespa, em 2008, as previsões pareciam corretas - o empresário arrecadou R\$ 6,711 bilhões no IPO de 5,9 milhões de ações ordinárias.

"Não somos uma promessa. Ou não teríamos 363 instituições mundiais comprando o nosso negócio", disse Eike, à época. Em diversas ocasiões, ele classificou a empresa como a mais preparada do País. "Não há nenhum time melhor do que o nosso hoje. Pode haver igual, como é o caso da Petrobras." O empresário também exaltava as descobertas de petróleo nos campos. Ao comentar a descoberta de gás na bacia do Parnaíba, no Maranhão, ele afirmou que a capacidade correspondia a "meia Bolívia".

Hoje, são 28 blocos exploratórios no Brasil, nas Bacias de Campos, Santos, Espírito Santo, Delfino, Maranhão e Parnaíba, e 5 blocos exploratórios terrestres na Colômbia. Apesar da dimensão, a falta de resultados rende críticas eperdas à empresa, que já foi chamada de "petrolifera de papel" por analistas, e bancos estrangeiros começaram a recomendar a venda das ações.

E.ON admite possibilidade de acordo com a MPX

FRANKFURT

A empresa de energia E.ON confirmou ontem que está em "conversas intensas" com seus parceiros no Brasil, reconhecendo pela primeira vez que poderá haver mudanças em uma das alianças da empresa nos mercados emer-

gentes para tentar neutralizar o enfraquecimento dos lucros da companhia na Europa.

Apesar de temores de investidores que a empresa alemã deveria no mercado brasileiro, o executivo financeiro da E.ON, Marcus Schenck, reafirmou seu

compromisso com o País, onde a companhia é parceira da MPX, braço de energia elétrica do grupo EBX, do empresário Eike Batista.

Schenck destacou que o Brasil continua sendo uma das economias de crescimento mais rápidas do mundo e que a E.ON espera registrar aumentos expressivos na demanda por energia nos próximos anos no País, colocando o Brasil entre os mercados mais atrativos para a companhia crescer.

Em 2012 E.ON adquiriu uma parcela de 29% na geradora MPX por cerca de € 350 milhões (US\$ 456,16 mil). As duas empresas também formaram uma joint venture com o objetivo de construir e operar usinas de energia no Brasil e Chile e se tornar a maior companhia privada de energia no Brasil.

Entretanto, apenas um ano depois da associação, Batista estaria tentando vender parte de seu controle na companhia, segundo fonte próxima ao assunto ou-

vida pelo *The Wall Street Journal*. Investidores estrangeiros manifestam o temor de que a E.ON possa se sentir tentada a comprar pelo menos parte das ações de Eike Batista na MPX, colocando mais capital no Brasil do que pretendia originalmente apesar da piora no cenário econômico do País.

"Tememos que o Brasil possa provar ser uma classe de risco que se recusa sobre a cabeça da E.ON", afirmou Thomas Deser, gerente sênior do fundo alemão

Union Investment, que administra cerca de 1,3% das ações da E.ON para seus clientes. No ano passado, a E.ON promoveu seu negócio com a MPX como sendo de baixo risco.

O chefe executivo da E.ON, Johannes Teyssens, destacou a importância de expandir os negócios para fora da Europa e evitar certos riscos econômicos e políticos do continente. A MPX se recusou a comentar se Eike Batista tem planos de vender partes de suas ações. **/DOW JONES**